

Imprensa, memória e ensino de História- Rio de Janeiro, 1870-1920

Alexandra Lima da Silva*

Resumo:

Este trabalho tem como preocupação indicar como as ações na imprensa carioca contribuíram na constituição e consolidação do mercado editorial de livros didáticos de História do Brasil entre 1870-1920. Analisando anúncios, resenhas e comentários publicados em jornais, outros periódicos e nos próprios livros didáticos, pensamos a imprensa não apenas como canal de divulgação, mas "uma prática social que organiza e dá sentido aos acontecimentos". As ações na imprensa ajudaram a fortalecer alguns sujeitos, como determinados donos de editoras e autores. Já em relação à História ensinada, prevaleceu a "mais digna" de ser transmitida pelos manuais didáticos, relegando aos de fora desta rede, o anonimato e muitas vezes, o esquecimento de tantas outras histórias do Brasil.

Palavras-chave: Imprensa- Memória- Livros didáticos

Abstract:

This work is to show concern as the actions in the press Carioca contributed in building and consolidation of the publishing market for textbooks of history in Brazil between 1870-1920. Analyzing ads, reviews and comments published in newspapers, other periodicals, on the textbooks, we think the press not only as a channel for dissemination, but "a social practice that organizes and gives meaning to the events." Shares in the press helped to strengthen some subjects, as some owners of publishers and authors. In relation to the history taught, prevailed on "more worthy" to be transmitted by teaching manuals, relegating to the outside of this network, anonymity and often the forgotten so many other stories of Brazil.

Keywords: Press-Memory-Text Books

* Mestre em História Social pela UFF.

Este trabalho indica as interfaces entre imprensa e ensino de História a partir dos reclames, anúncios e resenhas publicados nos jornais, destacando a importância de livros didáticos para o ensino da dita “história pátria” e, principalmente, evidenciando a necessidade da construção de redes de apoio e comunicação em torno dos mesmos.

Através da análise e articulações do livro didático junto a redes de comunicação social e linguagens, o conceito como algo complexo, atingindo diferentes públicos e fins, na perspectiva pontuada por Laura Antunes Maciel, pensando a emergência de uma cultura de massa sustentada pela articulação entre ampliação das redes de ensino e dos meios de comunicação, compondo com isto, uma “ampliação dos circuitos de comunicação social no Rio de Janeiro,” a partir da “formação de novos grupos produtores (autores, editores, jornalistas) e difusores (livrarias, bibliotecas, associações, escolas) de materiais impressos de natureza diversa (livros, folhetos, periódicos)”.(MACIEL, 2006: p. 212).

Proponho com isto analisar a relação entre cultura letrada e cidade conforme sugere Heloísa de Faria Cruz (2000), uma vez que a cidade do Rio de Janeiro já em meados do século XIX apresentava uma série de especificidades em relação ao restante do país, com uma crescente expansão na rede de ensino e uma crescente e gradual queda no percentual de analfabetismo.

Por sua vez, a imprensa era um dos principais espaços de atuação dos intelectuais em finais do Império e início da República, sendo arena de tensões e reivindicações destes, não somente nas críticas aos opositores políticos, como também na defesa das idéias e projetos afins. Neste sentido, conforme indica Patrícia Hansen, “boa parte da produção histórica desse momento será publicada em jornais,”(HANSEN, 2000: 43) que eram também o veículo da crítica e da análise desta produção.

Neste aspecto, um importante fator no sucesso editorial de um autor, editor ou obra didática eram as redes de apoio nas quais se inseriam. As páginas iniciais dos livros didáticos trazem ricas informações sobre as estratégias que editores e autores desenvolviam para divulgar os livros didáticos. Por meio de inúmeras dedicatórias impressas nos livros, evidenciam-se as tentativas de aproximação com o poder político e/ou outros, uma vez que conquistar a simpatia e apoio de pessoas ilustres era fundamental para os que desejavam maior projeção e aceitação de suas obras e idéias.

Para alguns estudos, as décadas de 1870-80 distinguem-se exatamente pelo grande número de jornais que se multiplicavam no país, com destaque para as campanhas abolicionistas e

republicanas, conforme salientado por Maria Teresa Chaves de Mello (2007). Além disso, muitos eram os jornais que se diziam “para o povo,” ou voltados “para as causas do povo” neste período.¹

Em relação aos livros didáticos, muitos intelectuais defendiam a necessidade de bons livros para o ensino de História do Brasil exatamente pelo caráter formador deste tipo de livro, no sentido da formação do cidadão, que só se daria por meio do conhecimento de nosso passado comum. Tais intelectuais muitas vezes, além de serem também autores de livros didáticos, avaliavam os livros deste gênero escritos por outros autores, enfatizando os aspectos que consideravam cruciais saber sobre a história da nação, principalmente na instrução “para o povo” e crianças.

Neste sentido, a imprensa enquanto parte do jogo de poder das relações sociais evidenciava determinadas memórias, silenciando, muitas vezes, os sujeitos e as concepções de História de “fora” destas redes de apoio, compostas por políticos, editores e homens de letras de prestígio e poder.

Uma das estratégias dos livreiros e editores de livros didáticos era a divulgação, como a distribuição de prospectos em suas lojas, em colégios, anúncios em periódicos de grande circulação, tais como jornais e almanaques.

A partir da análise dos anúncios de escolas particulares no *Almanak Laemmert*, por exemplo, observam-se indícios da existência de contato próximo entre donos de colégios com algumas livrarias que eram também editoras:

*Colégio Magalhães. Para maiores informações e programas aos Srs Alves e C. R Gonçalves Dias, 48.*²

*Colégio Universidade Fluminense, sexo masculino. Prospectos no colégio, Rua do Rosário,64, Loja de papel ou nas Livrarias Serafim, rua 7 de setembro,83 e Lombaerts e Cia, Rua dos ourives,7.*³

*Colégio da sociedade Beneficente alemã (...). Para informações mais exatas no mesmo estabelecimento, ou em Casa dos Srs H Laemmert e C. Rua do Ouvidor, 66.*⁴

Tais indícios reforçaram ainda mais a idéia de uma articulação entre ensino/ mercado editorial de livros didáticos/ imprensa, o que me levou, por sua vez, a reunir pistas sobre seus

¹ Dentre os quais: *Correio do povo*, órgão republicano (1891); *O amigo do povo*: jornal republicano (1877); *O Sport*: órgão dos interesses do povo(1887); *A liberdade*: jornal defensor dos interesses do povo(1879); *A lanterna*: órgão do povo(1883); *O brado nacional*: revista político semanal dedicado aos interesses do povo brasileiro(1873); *Jornal do povo*: folha democrática(1879); *Ciência para o povo*: serões instrutivos(1879); *O grito do povo*(1885); *Tribuna do povo*(1880); *O povo*: órgão do congresso literário e científico Abílio Borges(1903); etc.

² *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial* para o ano de 1886. RJ: E & H Laemmert, 1886, p. 619(Grifos meus).

³ *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial* para o ano de 1888. RJ: E & H Laemmert, p.1254.

⁴ *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial* para o ano de 1882. RJ: E & H Laemmert, pp. 1730-1761 (Grifos meus).

proprietários e sobre um “negócio” em plena expansão na cidade – a edição e venda de livros, e a necessidade de construir redes de apoio e divulgação para os mesmos.

Neste sentido, outra prática bastante freqüente entre os editores era inserir nas reedições dos livros os comentários e avaliações publicadas pela imprensa sobre as edições anteriores da obra em questão. Através destas resenhas, mais do que divulgar os livros na imprensa exaltando o mérito do material como manual didático, ficavam claras as posições em relação à importância dos livros didáticos na educação do país. Neste aspecto, a imprensa, conforme nos alerta Cruz, não deve ser entendida apenas como canal de divulgação, “mas uma prática social que organiza e dá sentido aos acontecimentos”. (CRUZ, 2000:166-167).

As resenhas não eram comentários espontâneos dos jornalistas, mas faziam parte de uma relação de troca e interdependência, principalmente entre jornais e editores, uma vez que muitos destes últimos divulgavam seus livros nos jornais, sendo seus clientes e patrocinadores. Diferente dos anúncios, as resenhas imprimiam um ar de “imparcialidade” na recomendação do livro, esboçando apenas uma “opinião” de fora, por isto, mais confiável, reforçando, muitas vezes, determinadas concepções de história e ensino.

No momento do referido estudo, muitos foram os críticos que se dedicaram recomendar um “bom livro didático”. Esta tarefa era feita por estudiosos de diferentes áreas e os próprios autores de livros didáticos, através de resenhas e comentários publicados nos principais jornais da época.

O livro didático deveria ser “claro, conciso, metódico, simples e atido à matéria sem digressões inúteis ou fastidiosas”.⁵ Ou ainda, deve ter “estilo simples e claro,” com “narrativa rápida,” devendo “dar as principais noções de história pátria,” contudo, sem perder “a largueza do estudo e exatidão dos conceitos,” o que se faz através da erudição do autor e do apoio deste na documentação. Enfim, “um bom livro didático” deve prezar para que a história seja “a expressão da verdade,” relatando “os fatos com imparcialidade, fazendo justiça a quem merece e condenando os que erraram”.⁶

Um dos aspectos característicos de “um bom” livro didático para alguns críticos eram metodologia e linguagem adequadas aos alunos. As resenhas e “opiniões” sobre livros didáticos evidenciam estas preocupações, principalmente na capacidade do autor em adequar a exposição aos

⁵ *Rio Jornal*, 9/5/1920. Reproduzido em: CABRAL, Mario. *Compêndio de História do Brasil*. RJ: Jacintho Ribeiro dos Santos, p. 13.

⁶ *O Paiz*, 28/8/1920. Reproduzido em: CABRAL, Mario. *Compêndio de História do Brasil*. RJ: Jacintho Ribeiro dos Santos, p. 21.

públicos aos quais se destinavam com ênfase ao estilo da narrativa, que deveria ser redigida “com ordem, clareza e precisão,” não devendo “entrar por um estudo profundo e substancial” aos que “principiam e não podem ainda entrar por um estudo profundo.”⁷

Um “bom” livro didático para alguns seria aquele que se aproxima do leitor, “satisfazendo a curiosidade dos meninos,” adequando-se ao universo vocabular da puerícia, “sob a agradável forma de conversação de um pai com seus filhos, através do que o autor inicia os leitores na História do Brasil (...).”⁸

O livro didático deveria apresentar os conteúdos “na ordem dos tempos, em uma linguagem amena, fluente e, sobretudo, compreensível às verdes inteligências dos seus leitores.”⁹ O conhecimento da história pátria é necessário, e o livro didático deve ser um veículo difusor por todo o país do sentimento e valores cívicos.

A adequação da linguagem às peculiaridades do público leitor de livro didático se evidencia nos direcionamentos diversos do livro. Os livros destinados ao uso do professor deveriam ter volume maior de páginas, uso de notas e citações e linguagem mais densa. Os voltados aos homens simples do povo e às crianças, tinham formato menor, com linhagem simples, e a partir de inícios do século XX principalmente, bastante uso de ilustrações.

É importante observar que as propagandas em jornais oferecendo títulos ou anunciando os locais de vendas de livros, pagos pelas livrarias e editoras, também eram significativas nas páginas de revistas e almanaques e sinalizava um bom financiamento para a própria imprensa. Talvez isso explique as muitas “opiniões” favoráveis aos livros aparentemente publicadas por iniciativa do próprio periódico ou de seus jornalistas sem vínculos ou outros interesses monetários.

Alguns livros inclusive se destacaram pelo grande espaço dado a este tipo de apreciação. Este foi o caso do livro editado por A J Castilho, *Quadros de História Pátria. Para uso das escolas* tendo como autores Max Fleiuss e Basílio de Magalhães, ambos colaboradores em diversos periódicos cariocas, além de serem membros do IHGB e da Biblioteca Nacional.

⁷ Dentre os quais: *Correio do povo*, órgão republicano (1891); *O amigo do povo*: jornal republicano (1877); *O Sport*: órgão dos interesses do povo (1887); *A liberdade*: jornal defensor dos interesses do povo (1879); *A lanterna*: órgão do povo (1883); *O brado nacional*: revista político semanal dedicado aos interesses do povo brasileiro (1873); *Jornal do povo*: folha democrática (1879); *Ciência para o povo*: serões instrutivos (1879); *O grito do povo* (1885); *Tribuna do povo* (1880); *O povo*: órgão do congresso literário e científico Abílio Borges (1903); etc.

⁸ Anúncio no Catálogo da Livraria Garnier para o livro de MENEZES (Estácio de Sá)- *História do Brasil contada aos meninos*.

⁹ Fernandes Pinheiro (Cônego Dr J C). *Episódios de História pátria*. Anúncio no Catálogo Garnier, 1877.

O livro acima aludido teve inúmeras resenhas publicadas em jornais da época reproduzidas nas edições posteriores. Estas opiniões foram reunidas pelos editores e “abrem” o livro. Das 121 páginas do livro, as 10 primeiras reproduzem as “opiniões” publicadas na imprensa a respeito dele, funcionando como “publicidade” do livro e dos gabaritados autores e editores: “Os Srs Max Fleiuss e Basílio de Magalhães contribuem para o ensino das escolas com os *Quadros de Historia pátria*, editados pelo inteligente e ativo editor A J de Castilho.”¹⁰

Ou ainda:

Mais um livro editado pela livraria Castilho, a Rua São José, nesta capital: ‘Quadros de História Pátria’. Estes quadros, como escreveram numa ‘explicação necessária’ seus autores, Srs Basílio Magalhães e Max Fleiuss, ambos do IHGB, foram traçados há algum tempo com o intuito de servirem a juventude que freqüenta as escolas publicas e particulares da nossa terra, e deveram muito em sua elaboração inicial ao saudoso Dr Vieira Fazenda, principalmente em tudo quanto diz respeito às tradições da cidade do Rio de Janeiro. (...)

A noite, 1-3-1918.

E um pequeno volume de caráter didático. Em pouco mais de 30 capítulos abrange o essencial da historia pátria, tal se estuda nas nossas escolas primarias e secundarias.

Pelo método, e clareza de exposição, é livro muito recomendável, como memorandum, utilíssimo a todos os estudantes da matéria em todos os graus de ensino. Ai estão compendiados satisfatoriamente todos os temas habituais da historia pátria, desde o descobrimento ate o governo do presidente Wenceslau Braz.

Z (João Ribeiro), O Imparcia , 25-2-918.

O destaque e apoio dado pela imprensa aos autores e ao “livrinho” também são notórios, seja por evidenciar a atuação dos autores neste circuito, seja por demonstrar o investimento da editora neste tipo de divulgação. Assim, mais do que divulgar os méritos do livro, ou apresentar suas principais falhas, as resenhas avalizavam a capacidade dos autores, enaltecendo suas excelentes qualidades de pesquisadores da História do Brasil e emprestando o nome do jornal à divulgação do livro.

Tais características, as de pesquisadores de arquivos e bibliotecas, são até mais evidenciadas que as referências de atuação de ambos no magistério, o que não é citado nas resenhas ou na capa do livro. Pelas “opiniões” emitidas nos jornais, o fato dos autores serem “membros da Academia de Altos Estudos” os dignifica a escrever algo tão necessário à formação das gerações do país.

Assim como A J Castilho, outros editores fizeram o mesmo, como Jacintho Ribeiro dos Santos em relação ao livro *Compêndio de História do Brasil*, de Mário da Veiga Cabral na edição de 1929. São 12 páginas contendo a “opinião da imprensa carioca sobre a primeira edição,” feitas

¹⁰ José Oiticica, *Correio da Manhã*, 2-3-1918.

pelos principais críticos dos jornais da cidade, como João Ribeiro, Rocha Pombo, Xavier Pinheiro, também eles professores e autores de livros didáticos, além de jornalistas nos principais jornais: *O Imparcial*, *Gazeta de Notícias*, *A Notícia*, *A Folha*, *Jornal do Brasil*, *Jornal do Comércio*, dentre outros.

As críticas a este livro em geral enalteciam “os bons serviços prestados” ao ensino do país pelos livros do referido autor, preenchendo muitas “lacunas” e “falhas” no ensino de uma disciplina “tão importante.”

O livro *Nossa pátria. Narração dos fatos da História do Brasil através da sua evolução com muitas gravuras explicativas*, de autoria de Rocha Pombo e editado em 1917, é um dos que se destacam pelo uso de imagens, bem como pela linguagem, uma narrativa em forma de conversa¹¹.

Muitos críticos de livros didáticos apontavam à inadequação da linguagem como um fator negativo em alguns autores, que utilizariam muitas vezes termos difíceis demais para a “inteligência ainda em flor” das crianças ou mesmo naqueles que iniciam o estudo por conta própria. Deste modo, o autor de um “bom livro didático” “deveria acomodar seu estilo a débil compreensão da puerícia, conseguindo prender-lhe a atenção,” tudo isto sem perder a elegância e boa “escolha dos fatos” a serem “relatados”.¹²

Deste modo, cremos que seja possível pensar a imprensa como divulgadora e formadora de opinião favorável a determinados autores, editores e obras, além de ser o espaço onde se debatia e angariava apoio para a necessidade de investimento na “instrução do povo” e da produção de livros didáticos de “boa qualidade” e adequados à missão de instruir o país. Mais do que publicidade, tais resenhas demonstravam avaliação e aprovação do jornal aquela obra e sua recomendação ao professor/leitor/escola para que a escolhesse.

Entretanto, convém ponderar que tais recomendações não eram feitas para todos os livros editados e nem sobre todos os autores de obras didáticas. A imprensa foi um dos meios de divulgação das obras didáticas dando amplo espaço àqueles de certo modo vinculados a ela, seja como jornalistas, colaboradores e patrocinadores.

Além disso, parece-nos que progressivamente a imprensa assume o papel de “fiadora” da qualidade dos livros/autores didáticos, o que antes era ocupado basicamente pelo Colégio Pedro II e IHGB. O que se evidencia principalmente nas últimas edições das obras ou nas obras das primeiras

¹¹ A edição utilizada neste trabalho foi a de número 60, mas só aparece o ano da primeira edição, 1917.

¹² Anúncio do livro *História do Brasil*, de Estácio de Sá Menezes, feito no catálogo Garnier, 1877.

décadas do século XX, em que a aparição e o número de resenhas é muito maior que inicialmente (segunda metade do XIX).

Além disso, os livros didáticos tiveram grande espaço nos jornais porque “dispunham de um mercado cada vez mais definido,” pois era uma especialidade tida como “a carne”, a sustentação do mercado.

Em suma, as ações na imprensa ajudaram a fortalecer alguns sujeitos, como determinados donos de editoras e autores. Já em relação à História ensinada, prevaleceu a “mais digna” de ser transmitida pelos manuais didáticos, relegando aos de fora desta rede, o anonimato e o esquecimento destas tantas outras histórias do Brasil.

BIBLIOGRAFIA:

- CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana-1890-1915*. SP:EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial de São Paulo, 2000.
- HANSEN, Patrícia. *Feições e fisionomias. A história da Brasil de João Ribeiro*. EJ: Acess, 2000
- MACIEL, Laura Antunes. “De ‘o povo não sabe ler’ a uma história dos trabalhadores da palavra”. In: MACIEL, Laura Antunes, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury.(Orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d’Água, 2006.
- MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A república consentida. Cultura democrática e científica no final do império*. RJ: Ed FGV; Ed da UFRRJ, 2007.
- SILVA, Alexandra Lima da. *Ensino e mercado editorial de livros didáticos de História do Brasil - Rio de Janeiro (1870-1924)*. Niterói, Dissertação (Mestrado em Historia), ICHF/ UFF, 2008.